



AS REPRESENTAÇÕES DE PROGRESSO PRESENTE NO LIVRETO DE PROPAGANDA DA C.T.N. P (1930 - 1940): ENCARTE DE PROPAGANDA COMO FONTE DE INTERPRETAÇÃO DO PASSADO NORTE-PARANAENSE

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3443

Bruna Garcia Catarino, UEL

Resumo

Este estudo terá como foco de pesquisa as representações de progresso presentes no livreto de propaganda da Companhia de Terras Norte do Paraná, datado de agosto de 1941. Assim, esta pesquisa tem em seu tempo e espaço, a região Norte do Paraná, em específico Londrina, nas décadas de 1930 e 1940. Os panfletos publicitários são uma ferramenta eficaz e de um poder de propagação expressiva. Este livreto selecionado possui em suas páginas, fotografias, mapas, dados e informações. Tal livreto fora desmembrado pela CTNP, e partes selecionadas foram alocadas em formato de propaganda no Jornal “Paraná Norte”. O problema que norteia este trabalho é identificar e analisar as representações de progresso presentes neste livreto da CTNP em específico, tornando explícito e evidenciando o discurso que orientou a ocupação do Norte do Paraná - representações estas que ainda nos dias atuais estão impregnadas na memória coletiva. Para atingir os objetivos propostos neste estudo, a metodologia utilizada será a análise da fonte e pesquisa bibliográfica de trabalhos historiográficos que abordam a região. Tal material, rico e raramente explorado aparece como uma fonte abastada e completa. Seu poder está principalmente na junção imagem e palavras. Esta dinâmica propicia um discurso poderoso, que teve seu princípio e propagação principalmente na década de 1930 no Brasil e no exterior. Assim este trabalho ocasiona a exploração de uma fonte rica e pouco explorada integralmente.

Palavras Chave:

Companhia de Terras Norte do Paraná; Representação de Progresso; Livreto de propaganda; Norte do Paraná.

Introdução

O livreto de propaganda da Companhia de Terras Norte do Paraná explorado nesse estudo, datado de agosto de 1941 tem em seu tempo e espaço, a região Norte do Paraná, em específico Londrina, nas décadas de 1930 e 1940. Os panfletos publicitários são uma ferramenta eficaz e de um poder de propagação expressiva. O problema que norteia esta pesquisa é identificar e analisar as representações de progresso presentes neste livreto da CTNP, tornando explícito e evidenciando o discurso que orientou a colonização do Norte do Paraná - representações estas que ainda nos dias atuais estão impregnadas na memória coletiva, sendo uma simbiose entre o livreto em si e as produções bibliográficas posteriores. Tal material, rico e pouco explorado aparece como uma fonte abastada e completa. Seu poder está principalmente na junção imagem e palavras.

Para se explorar o documento proposto – a fonte de propaganda sobre o Norte do Paraná, no período de colonização da região – se faz necessário, primeiramente, entender a forma como os autores de bibliografias que abordam a temática sobre a região norte do Paraná puderam ter a possibilidade de trabalhar com seus temas. O ponto de intersecção dessas pesquisas produzidas em diferentes anos e sob diferentes perspectivas históricas é a história regional, em específico, a História regional do Norte do Paraná.

Um processo rico, vertiginoso, que seduz autores desde sua origem. A própria história da região foi bem elaborada, repensada e reavaliada em diversas fontes e perspectivas, mas

permanece como um tema sedutor. O processo de urbanização, no Norte do Paraná, se apresenta de várias formas, por diferentes contingentes e modificou a região politicamente, geograficamente e historicamente.

Forças ligadas em sua origem à concepção de trabalhar com uma terra devoluta¹ que não traz lucros e só há possibilidades de perdê-la, as investidas dos fazendeiros paulistas e a famosa “marcha do café”. Steca e Flores (2002) se referem a uma preocupação, por parte do Estado do Paraná, dessa ligação que a região norte tinha com São Paulo e seu porto. Há uma aproximação que não era bem-vista e observada com desconfiança no início do século XX:

A questão de fronteira entre São Paulo e Paraná sempre ocorreu em razão da dominação inicial da Primeira sobre a segunda Província [...]. A falta de comunicação da região em questão com o interior do Estado Paranaense e o fato de estar sendo colonizada por paulistas e mineiros, conferiu-lhe o *jeito paulista*, e o medo do *perigo paulista*, ou seja, o medo de a elite paranaense perder a região Norte Pioneira para São Paulo e, assim, ver diminuindo seu poder frente ao crescimento da Região Norte. [...] Foi justamente com o objetivo de ligar essa região ao Porto de Paranaguá que projetos ferroviários começaram a ser construídos. (STECA; FLORES, 2002, p. 128-129).

Assim temos o início desse projeto, de grandes transformações que há muito tempo eram ensaiadas. Gilmar Arruda (1997, p.12) expõe a visão que, entre outros territórios, o norte do Paraná era entendido como “sertão” e, segundo o autor, era a contraposição com “Os marcos de referência [que] passaram a ser

1 Terras devolutas são aquelas que pertencem ao Estado. Em 18 de setembro de 1850, durante o fim do período imperial brasileiro, foi aprovada a Lei de Terras devolutas, que aborda a necessidade a partir de então de uma

comprovação da posse da propriedade da terra, que teria que ser através de documentação. Nos anos seguintes, foram criadas leis que transmitiam ao Estado o poder de decisão sobre estas terras.

os da vida urbanizada”, entendida como “civilização”. Assim, o outro, o “sertão”, passou a ser considerado como “atrasado”, “violento”, “bárbaro”.

Arruda (1997, p. 13) nos proporciona uma visão:

[...] saltemos para os anos 40. Aquele espaço antes nomeado como “terrenos pouco explorados” foi ocupado por centenas de cidades e povoações. Em pouco mais de 30 anos os chamados “sertões” paulistas, ao norte do Paraná e sul do estado de Mato Grosso haviam sido “conquistados” por uma nova forma de ocupação.

Por essa ótica, nota-se que esse início do século para a região Norte do Paraná foi de efervescências, com enfrentamentos às “frentes pioneiras” que praticamente acabaram com a mata fechada. Amado (1995, p. 145), ao trabalhar as categorias de região, sertão e nação, acresce o seguinte comentário sobre a relação entre sertão e história:

Sertão’ é uma das categorias mais recorrente no pensamento social brasileiro, especialmente no conjunto de nossa historiografia. Está presente desde o século XVI, nos relatos dos curiosos, cronistas e viajantes que visitaram o país e o descreveram, assim como, a partir do século XVII, aparece nas primeiras tentativas de elaboração de uma história do Brasil.

Voltemos para as companhias, que juntamente com o Estado, e o avanço da marcha do café advindo de São Paulo, vão abrindo a mata, o “sertão” e inaugurando ou continuando uma História regional permeada de nuances. “De terrenos pouco explorados no início do século, tornaram-se mapeados, reconhecidos, nomeados e cartografados.” (ARRUDA, 1997, p.13.).

Segundo Arruda (1997), essa preocupação, esse esforço de atualizar o Brasil e colocá-lo em consonância com elementos externos, advindo de nações

européias e dos Estados Unidos, vem da transição, o fim do império e a proclamação da república (1889), que trouxeram um desejo de transformações nesses “sertões” e sua ocupação, que resolvia uma questão cara a este período: a integridade do território nacional. Dessa forma, foram abertas as portas para questões como avanço da civilização, progresso, entre outros discursos.

O ritmo de vida acelerado que vivenciava grande parte da população mundial possuía, em seu cerne, alguns pontos que refletiam no Brasil e, em especial, no Paraná. O Paraná, no início do século XX, ainda apresentava matas virgens e uma natureza selvagem em algumas regiões, o que atraía cada vez mais as companhias colonizadoras. Mas a aceleração da vida, da economia, do café e a busca de novas formas de se enriquecer não deixariam a situação como estava. Essa região está entre outras que tiveram em grande ebulição nesse período. Palavras como “progresso” e “civilização” são o estandarte dessa agitação.

A atuação do governo do Estado, que destinava áreas a outras Companhias Colonizadoras; o rápido desmatamento e ocupação e a geração de produção destas terras, eram percebidos como o avanço de progresso da região.

Temos nesse momento ocorrendo então o processo de urbanização, que no Norte do Paraná se apresenta de várias formas, por diferentes contingentes, modificou a região politicamente, geograficamente e historicamente. Temos a CTNP- Companhia de Terras Norte do Paraná, uma subsidiária da Paraná Plantation Ltda., sediada em Londrina e que foi a responsável por esse empreendimento imobiliário.

Nesta etapa a materialização nestas terras de um projeto de deslocamento de pessoas e mercadorias, e um dos elementos principais é o próprio símbolo do progresso, o trem. A malha ferroviária e as estradas de rodagem com

sua extensa rede, e suas catitas, circulavam não só as pessoas e as mercadorias, mas também as ideias. A comunicação com outros centros era importante dentro deste projeto. É possível perceber, a importância que a Companhia relega a esta integração a partir do próprio mapa da divisão das terras e suas ligações.

Este início efervescente atrai os imigrantes que estão fora e dentro do país. São atraídos pelos números gêneros, que a produção em uma terra fértil produz. São seduzidos pelas propagandas e suas imagens vinculadas ao progresso e a comodidade de ter transporte, educação, entre outros benefícios de um lugar que acompanha a civilização.

Essas ideias são evocadas na representação da região e também nas páginas de publicidade do seu “[...] primeiro periódico fundado e editado em Londrina, o jornal ‘Paraná-Norte’. Seu primeiro exemplar data de nove de outubro de 1934, e a sua última edição catalogada teria sido a de 24 de setembro de 1953” (LEITE; ADUM, 2012, p.208)

Temos, assim, uma trajetória que é contada e recontada diversas vezes por pessoas simples e autores renomados, tendo como fonte a mais variada disponibilidade de documentos, e dentre esses, as propagandas vinculadas a esse jornal. O livreto (propaganda) e as imagens contidas neles fazem nesse caso, um alinhamento interessante, que é a junção simbiótica da propaganda com as imagens, para nos evidenciar a história regional. A questão do uso de imagens expõe que a simbiose entre imagens e texto (como é o caso dos panfletos) é uma forma de melhor atingir, por exemplo, os analfabetos que, sozinhos, podiam vislumbrar o desenvolvimento da região.

O advento da ilustração foi essencial para o impulso e a diversificação do impresso

periódico, ainda mais em um país onde o rarefeito público leitor, que incluía um modesto contingente feminino, avançava lentamente “entre os anônimos leitores de folhetins e os assíduos frequentadores de teatros, circulavam intelectuais, homens de letras, estudantes, jornalistas, algumas sinhás-moças e até velhotas capazes de leitura”. Admite-se que o introdutor da novidade foi o pintor e escritor romântico Manoel de Araújo Porto Alegre. Feito registrado com alvoroço em 14 de dezembro de 1837 nas páginas do *Jornal do Comércio*: “saiu à luz o primeiro número de uma nova invenção artística, gravada sobre magnífico papel [...] e, sem dúvida, receberá do público aqueles sinais de estima que ele tributa às coisas úteis, necessárias e agradáveis” (LUCA, 2008, p.134).

Uma interação em que usa um diálogo entre textos e imagem – iconotexto – tem uma função especial: promover um entendimento e interpretação das imagens. Um sucesso e, claro, mais um meio técnico – a comunicação – que exaltava o progresso da região.

Para análise sobre o passado da colonização da região Norte Paranaense, selecionamos para a presente pesquisa a seguinte fonte: um livreto, que possui, em suas páginas, fotografias, mapas, dados e informações. Ele foi desmembrado e algumas partes foram alocadas em formato de propaganda no Jornal “Paraná Norte”.²

Desde o início fez intensa propaganda no Brasil e no exterior onde elaborou a um discurso que reforça aquele sobre as maravilhas da região, do progresso e da riqueza ali existente, visando antes de tudo trazer compradores para as terras

2 SANTOS, C. R. **Terra fértil, ouro verde**: os panfletos de propaganda da CNTP-1930-1950. 2008.

que havia adquirido até então. (TOMAZI, 1997, p. 206).

Em suas páginas, a Companhia profere um discurso e informações com o nome do agenciador de vendas “Raul Silva”, e a localidade onde o futuro comprador poderá obter maiores informações.

A ênfase aparece na produtividade e fertilidade da terra roxa, assim, o destaque é direcionado a policultura, por exemplo, o café, o algodão, arroz, trigo, tabaco, a pureza da água (a sua localização ligada a bacias dos rios Tibagi, Pirapó, Ivaí, Paranapanema), estrada de ferro, estradas de rodagem. A pecuária também tem o seu destaque nesse discurso, além da extração de madeiras também.

Outro ponto a ser salientado nessa fonte é a exploração por parte da Companhia de uma ligação da região com o progresso, a civilização: uma incomensurável oportunidade e possibilidade para o futuro comprador ter um crescimento econômico.

Assim, é conectada à região palavras como Eldorado, metrópole, progresso, entre outras que remetem a um lugar profundamente marcado pela certeza da prosperidade. Percebemos que esse discurso é divulgado das mais diversas formas, inclusive nos panfletos de propaganda.

A fertilidade da terra, a rápida prosperidade pública e privada, o acesso à propriedade agrária, a riqueza propiciada pela agricultura são elementos que compõem as representações da cidade e da região como *Terra da Promissão e Eldorado*. (ARIAS NETO, 1993, p.10). (Grifo do autor)

Trabalhamos com um livreto que faz parte da propaganda realizada pela Companhia disseminando seus ideais. Salientamos a existência de outros panfletos, livretos e propagandas anteriores, mas este se mostra relevante ao

passo que é um material composto de parte de outras propagandas e mostra novas ideias para a região colonizada pela CTNP.

O livreto pertence ao acervo do Museu Histórico de Cambé e foi doado em 2015 por um dos parentes de Carmem Delgado Pereira, esposa de Antônio Pereira, que foi agente vendedor de terras da Companhia. O material foi encontrado na casa da pioneira após sua morte. Antônio Pereira veio para as terras da CTNP, em 1937, advindo de Portugal. Fixou residência primeiramente em São Paulo, em seguida adquiriu terras na cidade de Nova Dantzig – que passou a ser chamada Cambé em 1947. Ele trabalhou para a Companhia, que possuía vários escritórios em São Paulo, Curitiba e Londrina, e sua função era de vender lotes. Na segunda folha, surge o nome de Raul que, segundo o doador do documento, era representante Antônio Pereira.

A forma de escrita utilizada pelo autor é simples, o uso de imagens fotográficas em sua totalidade está em preto e branco, houve um trabalho de adequação e diagramação destas com o texto.

Em sua quase totalidade as fotografias aparecem como ilustrativas do discurso. Um complemento usado para reafirmar a veracidade do discurso ali empregado.

No texto o autor utiliza um discurso que exalta a grandiosidade da Companhia colonizadora e de suas terras. São exaltados os títulos das terras seguras, fertilidade da terra, a estrada de ferro e boas estradas de rodagem e a água.

O discurso da Companhia Norte do Paraná possuía objetivos definidos sistematicamente, metodologicamente, que tem como sua característica principal o trabalho com o imagético. O discurso é carregado de símbolos que remete o seu leitor à “terra fértil”, “água cristalina”, “desenvolvimento econômico”, “progresso”, ou seja, uma nova Canaã, a

civilização chegando e o bárbaro se esvaindo. Assim, esse discurso foi transferido para as terras da CTNP e, principalmente, para Londrina:

Na análise do editorial do Paraná-Norte entre 1934 a 1936, sobre a cidade de Londrina, identificamos duas cidades distintas, porém intrínsecas: A Londrina “imaginária” e a cidade de Londrina que se misturam na descrição dos redatores. A Londrina “imaginária” é uma cidade vista como progressista, pacífica, civilizada, localizada no centro da “Terra da Promissão”, da “Nova Canaã” e a cidade de Londrina, tal qual como se constituía estruturalmente, política e economicamente. (LEITE; ADUM, 2012, p.216)

Além das palavras simples são usados dados estatísticos, as imagens como já citado e um mapa para demonstrar todas essas possibilidades e oportunidades oferecidas pela CTNP.

Quando já tinha o que mostrar do lugar: a exuberância das matas, a excelência das madeiras (enormes árvores de peroba, figueira branca, pau d’alho e outras), a qualidade da terra roxa, casas, hotel, serviços de infra-estrutura, passou a utilizar fotografias em suas publicidades. Uma das mais importantes estratégias publicitárias era preparar álbuns de fotografias e distribuí-los para os corretores de terras, que viajavam por diversos estados e impressionavam os potenciais compradores com as fotografias que mostravam. Num primeiro momento, para produzir essas fotos, contratava os serviços de Hans Kopp, um fotógrafo de origem alemã, sediado em Ourinhos (SP), que vinha a Londrina esporádica e especialmente para produzi-las. (BONI, 2004, p.12)

Imagem 1: Capa do livreto de 1941

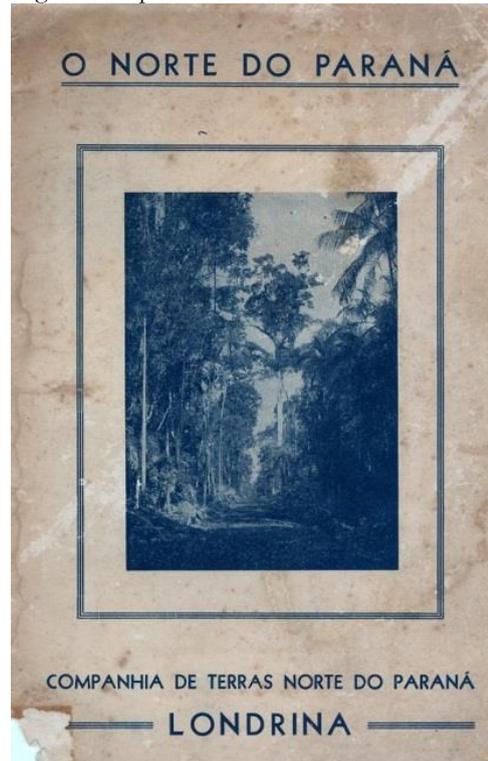


Imagem 2: 1ª página do livreto



Neste momento analisando as páginas do livreto, em sua capa (Imagem 01) dentro de uma moldura, há a primeira fotografia, em que aparece uma estrada (um caminho rumo à fertilidade e o

progresso) cercada de árvores frondosas que revelam, dos olhos daquele que as contemplam, uma fertilidade da terra, madeira de qualidade e um caminho que rasga e vence a mata.

Logo a primeira página (Imagem 02), são exaltados os títulos seguros das terras, a fertilidade, que é representada com a mata ao fundo, a água e as estradas de ferro e as de boa rodagem. Os elementos se apresentam como um diálogo que é reforçado com o texto, pois ele remete ao “ver para crer”. Os compradores aparecem na fotografia representados pelo número de casas. Ou seja, um local em plena expansão populacional, que prospera e então tenta convencer e certificar que o que ali está sendo mostrado é verdadeiro, uma maneira de alcançar seus objetivos por meio das palavras e das imagens ali presentes. Essa página foi desmembrada do livreto e utilizada em propaganda no Paraná Norte.

Na segunda página, o progresso se apresenta na oportunidade de uma terra boa com grandes possibilidades de riquezas para seus compradores, representados pela fertilidade da terra roxa, a qualidade das safras e a qualidade e riqueza das terras.

Na terceira página, o progresso é representado no livreto mostrando novamente as grandes possibilidades de riquezas para seus compradores e afirmando que não este não é um local isolado, que oferta possibilidades de diálogos logísticos e comerciais com os grandes centros urbanos e civilizados por causa de seus sistemas de comunicações e transporte, graças a presença de uma estrada de ferro que liga a região, tanto a São Paulo quanto a Sorocaba, e estas, por sua vez, com outras regiões do país.

Na quarta página, aparecem duas fotografias. Novamente, as culturas do café e do algodão, já presentes na terceira página, aparecem juntamente ao trigo. Estão dessa vez, como aporte do rápido crescimento e produção das matas recém-

derrubadas que já foram lucros e, nessas terras, a produção por hectares é superior, além de serem culturas de exportação.

A quinta página continua com as mais diversas formas de trabalho e ganhos com a terra. Aparecem pioneiros da região em duas fotografias. A segunda imagem evidencia a riqueza que vem da extração e comercialização da madeira. Dá a ideia, portanto, da oferta de uma possibilidade de riqueza àqueles que tiverem o espírito aventureiro, empreendedor e vontade de trabalhar. Assim, tais imagens revalidam o discurso da CTNP.

A sexta página possui apenas uma fotografia de um grupo escolar. Lembrando que a educação e a alfabetização fazem parte do discurso de progresso que se distancia do bárbaro, do atraso. O discurso se inicia apontando o rápido crescimento e progresso da cidade de Londrina e de toda a região. Nessa página, são alinhavadas as palavras Progresso e Eldorado. “[...] todo o Norte do Paraná é um Eldorado, onde não há minas de ouro, mas onde se faz ouro de tudo”. É exaltada a urbanização e, por esse motivo, temos a evidência de ruas e praças que obedecem a um dos “programas urbanísticos inspirados pelas grandes cidades.” É colocada em destaque a comodidade igualada as das grandes capitais: água encanada, luz, força de usina hidráulica, hospital, matadouro, grupos escolares, ginásio, igreja, bancos, hotéis, clubes, entre outros. A palavra progresso reaparece ao se referenciar ao avanço da produção agrícola, da indústria e do comércio. A prosperidade e o progresso são expostos em números e cifras, tanto de casas, como população, arrecadação, entre outros.

A sétima página, por fim, expõe a maneira de transporte de compradores para conhecerem as terras e as formas de pagamento. Nessa página, aparece a divisão de terras que a Companhia produzia, que tem como localização o eixo das suas dimensões e valores: os lotes rurais maiores e as datas urbanas menores.

Em resumo, aparecem 12 imagens em nove páginas. Destas, 11 são fotografias e um mapa. O mapa está localizado na oitava e última página onde a localização das terras é evidenciada e há menção a quatro estados: São Paulo, onde aparece o porto de Santos, evidenciando o ponto de escoamento da produção; Rio de Janeiro, como porto; Mato Grosso; e Paraná, que aparece com as terras da Companhia, um epicentro cortado de onde saem linhas férreas e trens. Aparecem, também, os nomes das cidades fundadas pela Companhia. Temos uma ideia de cidade com ligação aos grandes centros urbanos do país, reforçado com a legenda. O mapa ilustrado demonstra a situação das terras e as vias de comunicação com os principais centros comerciais.

Resultados

A principal ideologia usada dentro do livreto é a econômica, pois essas várias oportunidades, faturas e disponibilidades oferecidas na propaganda significa atrair, seduzir e convencer a quem estiver lendo esse discurso ali produzido.

A CTNP, capitalista inglesa construiu sua legitimidade pautada principalmente sobre a propaganda. Mas há também outros meios, tais como, relatos, crônicas, que criaram e produzem um estatuto de progresso para o empreendimento inglês no Norte do Paraná.

O retrato era de cidades ligadas à civilização, as ideais de administração e democracia, bem longe da temida barbárie e do atraso. Uma sociedade justa, com oportunidade para todos e uma ligação com a inovação, que viabilizava uma qualidade e oportunidade de vida melhor. Um discurso progressista emergiu e, com ele, uma região adquiriu um status de futurista, onde a tecnologia e a inovação tem sempre vez e são marcadores, símbolos desta região.

Essa proposta de progresso como avanço e crescimento na região Norte do Paraná esteve conectada a várias áreas. Como no transporte, com o trem, estradas e pontes, diminuindo espaços e isolamentos, facilitando negócios e trazendo conforto; ou a ligação com atitudes racionais relacionadas intimamente à alfabetização, exaltadas pelos meios de comunicação, construindo uma representação própria, simbiótica, sedutora e que correspondia às mais modernas ideias da época.

Considerações finais

A colonização do Norte do Paraná produziu um discurso que legitimou a atuação da CTNP. Esse discurso não se restringiu aos anos de atuação desse empreendimento. Abrangemos uma bibliografia posterior a tal investimento capitalista que revela ao leitor a postura dos seus autores.

Esse trabalho teve ênfase na história regional e a sua relação com um documento histórico – o livreto. Devemos perceber a sedução que este material imprime em todos os momentos quando incita a riqueza, fertilidade, alegria e todas as partes boas coisas de se comprar terras e viver no Norte paranaense nesse período.

O espírito moderno que percorre a história dessa região Norte Paranaense associa-se, decididamente, a um espírito histórico acorrentado a um ideário: o progresso.

Referências

AMADO, Janaina. **Região, Sertão, Nação**. In: Estudos históricos. V 8, nº 15. Rio de Janeiro, 1995.

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**. Representações da política em Londrina (1930-1975). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões**: entre a História e a memória. Bauru: Edusc, 1997.

BONI, Paulo César. **Fincando estacas**: a história

de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Edição do autor, 2004.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira; ADUM, Sônia Maria Sperandio Lopes. **Funda-se um jornal, instala-se um município:** a cidade de Londrina através do jornal Paraná-Norte 1934-1936. XIII Encontro Estadual de História – ANPUH – Londrina, 2012.

LUCA, Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos.** In: PINSKY, Carla (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008. p.111-154.

STECA, Lucinéia C, e FLORES, Mariléia d. **O**

Norte pioneiro. In: História do Paraná. Londrina: EDUEL, 2002.

_____. **Norte do Paraná:** histórias e fantasmagorias. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

Fonte:

O NORTE DO PARANÁ. Companhia de Terras Norte do Paraná. Livreto Publicitário. Londrina: agosto de 1941.